

A biopolitização das plataformas: capitalismo de vigilância e resistências

Instituto Humanitas Unisinos
Ciclo de Estudos “Revolução 4.0”
14 de maio de 2018

Rafael A. F. Zanatta
IEE/USP ~ Idec

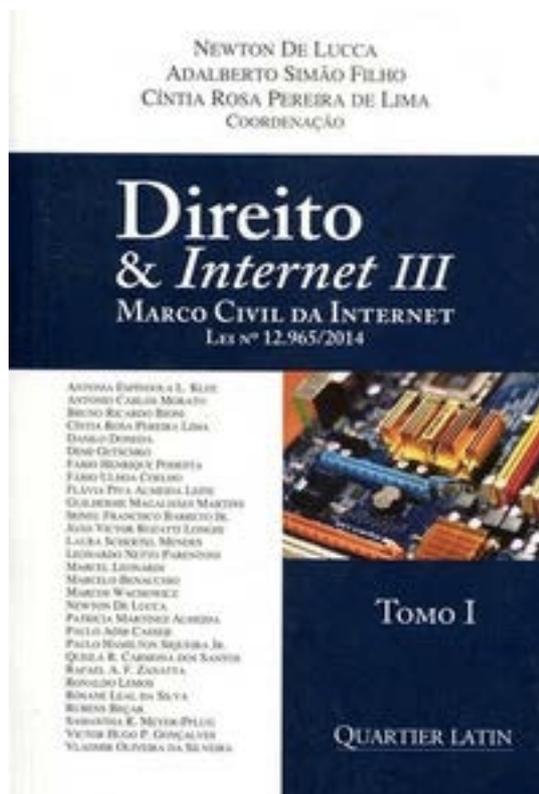
APRESENTAÇÃO

Contexto e problemas

/ trajetória

- núcleo de direito, internet e sociedade da usp
- internetlab > internetlab.org.br
- instituto brasileiro de defesa do consumidor > idec.org.br
- coalizão direitos na rede > direitosnarede.org.br
- instituto de energia e ambiente da usp

/projetos



/projetos atuais



Dados pessoais não são mercadoria

Nossas informações não podem ser registradas e usadas para além daquilo que autorizamos inicialmente. Precisamos ter disponíveis formas de saber quais dados são retidos e a qualquer momento desistir da permissão. Na prática, defendemos uma legislação em que:

- ✓ Pessoas possam controlar todo o fluxo de dados gerados por elas
- ✓ Empresas respeitem princípios éticos que regulem a forma como tratam os dados
- ✓ Empresas e governos se responsabilizem quanto ao vazamento de dados, sujeitos a cobrir indenização em casos de uso indevido de nossas informações

E tem mais: para que a lei funcione, é preciso que haja uma autoridade pública que fiscalize os direitos digitais para evitar mais violações e abusos.

O Idec luta por essa proposta junto a outras 20 organizações civis que formam a Coalizão Direitos na Rede.

/projetos atuais



SEUS DADOS SÃO VOCÊ
LIBERDADE • PROTEÇÃO • REGULAÇÃO

Seus Dados São Você

Todos os dias, ao fazer pesquisas na internet, compras, usar aplicativos, preencher cadastros de serviços e até utilizar o transporte público, geramos e compartilhamos centena de milhares de dados pessoais. Você sabe o que é feito com estes dados? Concorde em ser discriminado/a a partir do que faz nas redes sociais ou dos conteúdos que visita, produz e compartilha na Internet? Considera válido que empresas vendam as informações que você confiou somente a elas? Acha normal que usem seus dados para fins que você não consentiu? Você se sente seguro sem ter qualquer proteção legal ou a quem recorrer em caso de usos ilegais ou abusos?

<https://direitosnarede.org.br/c/seus-dados-sao-vc/>

/projetos atuais

Jornal da USP

CIÊNCIAS

TECNOLOGIA

CULTURA

ATUALIDADES

UNIVERSIDADE

INSTITUCIONAL

O grupo de estudos “Ética, tecnologia e economias digitais” (ETED) abriu chamada pública nesta sexta-feira (16) para alunos e alunas de graduação e pós-graduação da USP. Ao todo, serão aceitos 15 membros para participação no primeiro semestre de 2018.

O ETED tem como propósito estruturar discussões acadêmicas sobre ética e tecnologia a partir da leitura aprofundada de textos clássicos da filosofia social, tendo como pano de fundo a ubiquidade das redes sociais e aplicações conectadas à internet, ascensão das “empresas-plataforma” intensivas em dados pessoais, novas formas de automação do trabalho e desenvolvimento da inteligência artificial.

No primeiro semestre de 2018, o grupo promoverá a leitura crítica de *Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*, de Hans Jonas.

O ETED é coordenado por Ricardo Abramovay, professor titular do Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) e pesquisador sênior do Instituto de Energia e Ambiente (IEE) da USP, e Rafael A. F. Zanatta, mestre pela Faculdade de Direito (FD) da USP e doutorando no IEE.

<http://www.iee.usp.br/>

/ pontos de partida

- análise “politicizada”: a escolha dos objetos de estudo é influenciada por uma prática e um ativismo
- pesquisa como forma de qualificação do ativismo e dos múltiplos atores que compõem a “esfera pública em rede” (Benkler et al., 2015)
- incertezas e complexidades viabilizam “ciência pós-normal” e uma comunidade ampliada de pares (Funtowicz & Ravetz, 2015)
- direito, economia política e ética não podem ser isolados

QUESTÕES FUNDAMENTAIS

/ formatação do debate

- o que se entende por capitalismo de plataforma?
- que tipo de economia política é estruturante do capitalismo de plataforma e o que difere de um fordismo industrial do século XX?
- que diferença existe entre capitalismo de plataforma e capitalismo de vigilância?
- por que o conceito de biopolítica tem sido colocado nessa discussão?

CAPITALISMO DE PLATAFORMA

/ capitalismo de plataforma

- Terleton Gillespie: o termo “plataforma” tendenciosamente funde diferentes significados em benefícios das empresas de tecnologia, combinando a “plataforma de software” com o sentido figurativo de um mundo associado com liberdade
- *Platform Revolution*: “business based on enabling value-creating interactions between external producers and consumers, providing an open participative infrastructure for these interactions and setting governance conditions for them”
- estamos falando de (i) mercados de dois lados, (ii) baseados em ampla coleta de dados, (iii) com sistemas privados de governança e (iv) apropriação de valor a partir das trocas e interações “datificadas”
- conceito ligado a trabalhos de orientação crítica, com influência de Marx (Lobo, 2014; Scholz, 2015; Srnicek, 2016)

/ capitalismo de plataforma



Ensaio de Sasha Lobo para o *Der Spiegel* em setembro de 2014 é um dos primeiros a contrapor “economia do compartilhamento” com “capitalismo de plataforma”.

Conceito de *plattform-kapitalismus*.

/ capitalismo de plataforma



Termo é amplamente utilizado em seminários de orientação progressista como “Platform Cooperativism”, organizado por Trebor Scholz, em 2015 e 2016 em Nova Iorque.

Na foto, Kowalsky, líder sindical alemão.

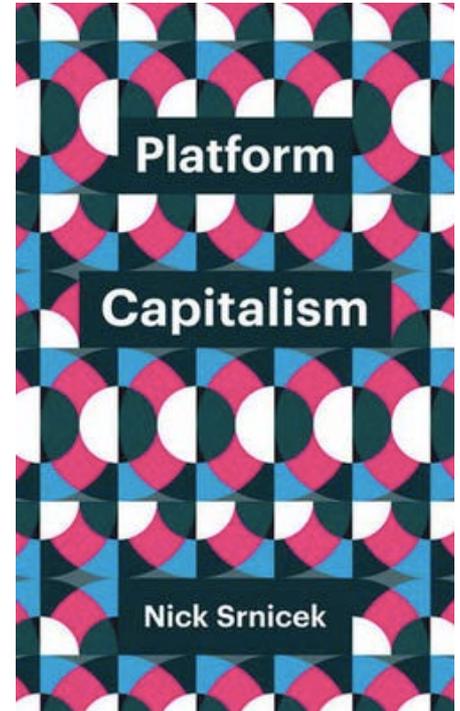
/ capitalismo de plataforma



PLATFORM CAPITALISM

Platforms are intermediaries and infrastructures

- Intermediaries between different groups
 - Users, advertisers, drivers, etc.
- Infrastructure for interaction and development
 - App development, building pages, etc.



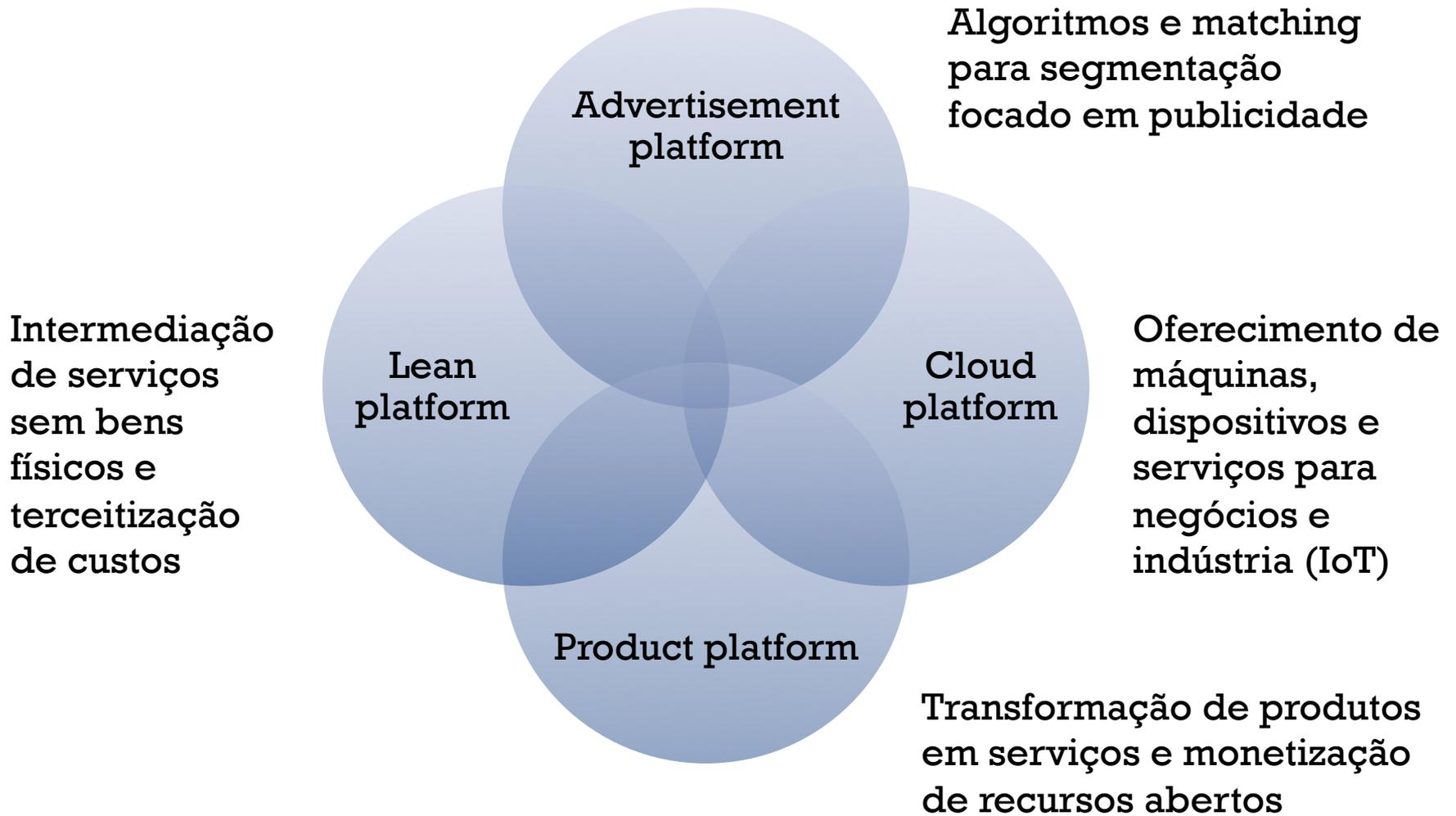
Foco do trabalho do economista canadense **Nick Srnicek**, que leciona Economia Digital no Kings College.

/ srnicek (2017)

elementos estruturantes:

- *efeitos em rede*: quanto mais pessoas utilizam, mais valiosa é a plataforma (tendência monopolista)
- *subsídios cruzados*: certos braços da plataforma tem custos reduzidos ou gratuitos, enquanto outros tem preços mais elevados para fomentar efeitos em rede (exemplo: enquanto Gmail é gratuito, publicidade direcionada via Google tem custo)
- *arquitetura central desenhada*: a intermediação ocorre dentro de uma arquitetura projetada e com intencionalidades específicas (*codes have politics*)

/ srnicek (2017)



/ srnicek (2017)

impactos:

- as plataformas possuem um modelo econômico adequado para a captura de dados pessoais e para extração de valor a partir dos dados
- as empresas tradicionais (ou mesmo os bancos) querem se tornar “plataformas”
- aumento da concentração econômica em poucas empresas – cenário de monopólios digitais que aumentam extração de dados independentemente dos riscos coletivos e futuros
- Inadequação do direito concorrencial para entender atos de concentração e compra de empresas de tecnologia por plataformas

Facebook Buys Instagram for \$1 Billion

BY EVELYN M. RUSLI APRIL 9, 2012 1:15 PM 36

2:02 p.m. | Updated

Facebook is not waiting for its initial public offering to make its first big purchase.

In its largest acquisition to date, the social network has purchased Instagram, the popular photo-sharing application, for about \$1 billion in cash and stock, the company said Monday.

It's a notable move for Facebook, which has exclusively focused on bite-size acquisitions, worth less than \$100 million.



Keith Bedford/Bloomberg
NewsKevin Systrom, chief executive of Instagram.



SHARE

SOCIAL MEDIA

Rumor: Google negotiating \$1 billion acquisition of WhatsApp



Francis Bea

 @francisybea

POSTED ON

4.5.13 - 1:34PM





SHARE

MOBILE

Facebook buys WhatsApp for \$19 billion – yes, billion

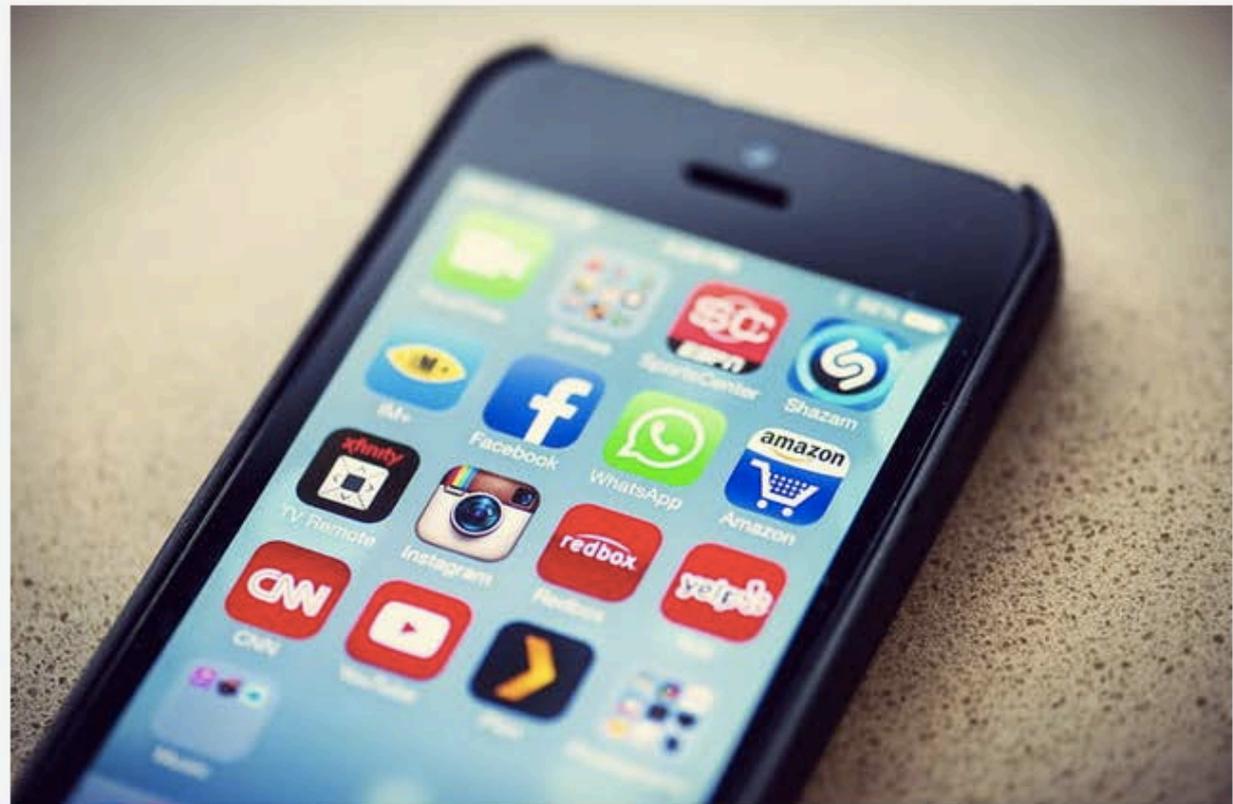


Andrew Coutts

@andrewcoutts

POSTED ON

2.19.14 - 2:38PM



MICROSOFT BUYS LINKEDIN FOR \$26.2 BILLION

Steven Tweedie [✉](#) [🐦](#)

🕒 Jun. 13, 2016, 8:31 AM 🔥 156,432

[FACEBOOK](#)[LINKEDIN](#)[TWITTER](#)[EMAIL](#)[COPY LINK](#)

Microsoft is buying LinkedIn for \$26.2 billion, the company announced on Monday.

Microsoft will pay \$196 per share for the company.

LinkedIn CEO Jeff Weiner will remain CEO of the social network for professionals, reporting directly to Microsoft CEO Satya Nadella.

Under the terms of the acquisition, LinkedIn will maintain its "distinct



Microsoft CEO Satya Nadella. Getty Images/Mat Hayward

CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA

/ capitalismo de vigilância

- conceito introduzido por Shoshana Zuboff no ensaio “*Big Other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization*” (2015)



/ zuboff (2015)

argumentos:

- “big data” não é tecnologia ou processo autônomo, mas componente fundacional de uma lógica de acumulação intencional chamada de “capitalismo de vigilância”
- essa forma de capitalismo informacional busca prever e modificar o comportamento humano como forma de produzir lucro e controle de mercado
- a automação do capitalismo contemporâneo não só impõe informação (instruções programadas) mas também *produz informação* em escala massiva
- não há uma única forma de economia de mercado institucionalizada (Piketty, 2014; Unger, 2007) e estamos experimentando a transição para um novo tipo hegemônico

/ zuboff (2015)

argumentos:

- os processos de extração de dados geralmente são acompanhados de lógica *move fast and break things* e “imperialismo de infraestrutura” do lado da oferta (dados coletados com sistema Android, satélites e carros do GoogleStreetView)
- atividades não mercadológicas – chamadas de “cotidianidade” (everydayness) – garantem fontes de dados em escala massiva (cliques, páginas vistas, pesquisas, e-mails enviados, fotos vistas, vídeos assistidos, etc)
- indiferença formal e enfoque na quantidade: “since prediction and analysis are so crucial to AdWords, **every bit of data**, no matter how seemingly trivial, **has potential value**”
- os processos extrativos acontecem sem consentimento e diálogo, apesar de estarem ligados a subjetividades e contextos

/ zuboff (2015)

argumentos:

- multiplicação de fontes de dados, extração e análise em hiperescala – uma variação de capitalismo desenraizada e sem reciprocidades entre empresas e populações – está se tornando o modelo dominante para startups e empresas de tecnologia
- a proposta de Hal Varian de substituição dos contratos imperfeitos por técnicas de controle em tempo real (“the perfect view”) implica em uma “arquitetura universal que existe em algum lugar entre natureza e Deus”, chamado de Grande Outro
- “It is a ubiquitous networked institutional regime that records, modifies, and commodifies everyday experience from toasters to bodies, communication and thought, all with a view to establishing new pathways to monetization and thought”

/ zuboff (2015)

“o capitalismo de vigilância qualifica uma nova forma de acumulação com uma **nova política** e relações sociais que substituem os contratos, o Império do Direito e a confiança social pela soberania do “Grande Outro”. (...) O Grande Outro existe na ausência de autoridade legítima e é largamente livre de detecção ou sanção”.



Building Global Community



MARK ZUCKERBERG · QUINTA-FEIRA, 16 DE FEVEREIRO DE 2017



To our community,

On our journey to connect the world, we often discuss products we're building and updates on our business. Today I want to focus on the most important question of all: are we building the world we all want?

History is the story of how we've learned to come together in ever greater numbers -- from tribes to cities to nations. At each step, we built social infrastructure like communities, media and governments to empower us to achieve things we couldn't on our own.

Today we are close to taking our next step. Our greatest opportunities are now global -- like spreading prosperity and freedom, promoting peace and understanding, lifting people out of poverty, and accelerating science. Our greatest challenges also need global responses -- like ending terrorism, fighting climate change, and preventing pandemics. Progress now requires humanity coming together not just as cities or nations, but also as a global community.

BIOPOLÍTICA



/ cohen (2017)

argumentos:

- práticas contemporâneas de processamento de dados pessoais constituem um tipo de “domínio público biopolítico”, um repositório de materiais crus que podem ser utilizados e que são enquadrados como inputs para atividades produtivas
- analogia com a ideia de *terra nullius* da colonização estadunidense: algo a ser livremente apropriado, mapeado, colonizado
- há novas formas de descrições, processamentos e gerenciamento de populações
- “as it pursues the project of surplus extraction, power over flows of personal information modulates participation in the evolving global marketplace for goods and services and simultaneously enlists populations in their own construction as depoliticized subjects defined by their consumptive choices”

/ cohen (2017)



The emergence of the biopolitical public domain thus raises questions of both political and economic justice, and the two are tightly entwined. Legal and surveillance studies scholars (e.g., Andrejevic 2007, 2013; Cohen 2013; Hildebrandt 2015; Pasquale 2015) have argued that surrendering control of the information environment to opaque, immanent data processing practices amounts to surrendering control over both self-development and self-government. The impact on markets is equally profound. The legal-institutional construct of the biopolitical public domain alienates consumers from their own data as an economic resource and from their own preferences and reservation prices as potentially equalizing factors in market transactions, producing a set of wholly nontransparent exchange institutions that reconfigure demand to match supply. It seeks, in wholly unironic fashion, a commercial future in which consumer surplus is extracted “from each according to his abilities,” while goods and services flow “to each according to his [manufactured] needs” (Marx 1996, p. 215; see also Fourcade & Healy 2016).

At least according to theory, in a capitalist society, market transactions function as an essential mode of governance. The construct of the biopolitical public domain sits in fundamental tension with that market-libertarian ideal. Despite the popularity of transactional consent as a frame for neoliberal policy discourse, the emerging surveillance economy leaves consent—and, for that matter, volition—with very little work to do. It reflects a biopolitics of crowds, through which the “common productive flesh of the multitude has been formed into the global political body of capital.” (Hardt & Negri 2004, p. 189). If a different future is desired, for privacy and data protection or more generally for markets, this is the point at which policy debates need to begin.

/abramovay (2018)

“Ora, como mostram Ariel Ezrachi e Maurice Stucke, a era digital está fazendo com que a concorrência perca seu poder regulador: computadores mais rápidos que a inteligência humana para observar os preços e as mudanças na demanda vão esterilizar a vantagem que um concorrente poderia obter ao oferecer produtos a preços mais baixos. Se as mudanças de preços na economia norte-americana, como resultado dessa experiência e do conhecimento individual que os agentes econômicos possuem, variam em média de um a três meses, a Amazon tem o poder de alterar preços de forma imediata e o faz permanentemente. Os gigantes digitais possuem o que Ezrachi e Stucke chamam de uma “visão divina”, pois dispõem de informações e da capacidade de analisá-las em tempo real por um algoritmo que aniquila a aprendizagem dos agentes individuais por meio dos sinais indiretos e não intencionais que recebiam das oscilações dos preços” (Aos Dados, Cidadãos, *Revista QuatroCincoUm*, 2018).

RESISTÊNCIAS

/cenário civil

- proliferação de ONGs dedicadas aos **direitos digitais** no Brasil e na América Latina
- oportunidades de colaboração e fortalecimento de trabalho horizontal (Internet Freedom Festival, RightsCon, Internet Governance Forum, re:Publica)
- “duplo movimento” no sentido dado por Polanyi: comodificação encontra resistências e disputas por anti-comodificação

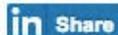


Sociedade

Campanha convida cidadãos a lutar pela proteção de dados pessoais

por Intervezes — publicado 19/09/2017 16h09, última modificação 20/09/2017 14h12

O uso abusivo dos nossos dados não é uma batalha perdida. Para mudar a atual situação, é preciso que a sociedade pressione o Congresso



**Por Jonas Valente*

Mais de 500 mil pessoas já baixaram o aplicativo “Pão de Açúcar Mais”, que garante descontos importantes em diversos produtos. Bom demais para ser verdade? O que teria feito uma rede tão grande abrir mão de parte das receitas deste jeito? A resposta é: os nossos dados pessoais. O objetivo do aplicativo é coletar o máximo de informações dos clientes, que podem ser tanto usadas pelo grupo quanto repassadas a fornecedores e empresas parceiras.



"Seus dados são você": campanha quer garantir proteção de dados pessoais na internet



A Campanha

A campanha “Sua Cidade, Seus Dados” é uma iniciativa da [LAVITS](#) (Rede Latino Americana de Estudos em Vigilância, Tecnologia e Sociedade), que, em parceria com o vereador [Pedro Tourinho](#), da cidade de Campinas, SP, protocolou um Projeto de Lei em nível municipal disciplinando a responsabilidade do município em relação à coleta, tratamento, armazenamento e uso das informações produzidas pelas cidadãs e cidadãos em posse da administração pública direta e indireta.

A intenção da campanha é sensibilizar organizações, agentes políticos e sociedade civil para a importância do debate e de marcos legais que se orientem no sentido de um uso justo, transparente e virtuoso dos dados pessoais. Para isso, o projeto prevê uma série de dispositivos que preparam economicamente, politicamente e tecnologicamente a cidade para uma vida social em consonância com as possibilidades e riscos da valorização dos dados pessoais.

Neste primeiro ano, a campanha conseguiu a adesão de vereadores de três municípios do interior paulista além da assinatura de seis vereadores para a protocolação do projeto na capital do estado. Nossa intenção é continuar o trabalho em outras cidades brasileiras de modo a levar a elas esta discussão fundamental para a vida urbana no século XXI. Atualmente contamos também com o apoio do [INTERVOZES](#) e do aplicativo [MUDAMOS](#). Essa iniciativa também integra a campanha [Seus Dados São Você](#) da [Coalizão Direitos na Rede](#).

O que é o Chupadados e por onde anda essa entidade?

Créditos e mais sobre o projeto

INTRODUÇÃO

O que é o Chupadados e por onde anda essa entidade?



SEUS DADOS SÃO VOCÊ

CHEGA DE DESPROTEÇÃO

HOME

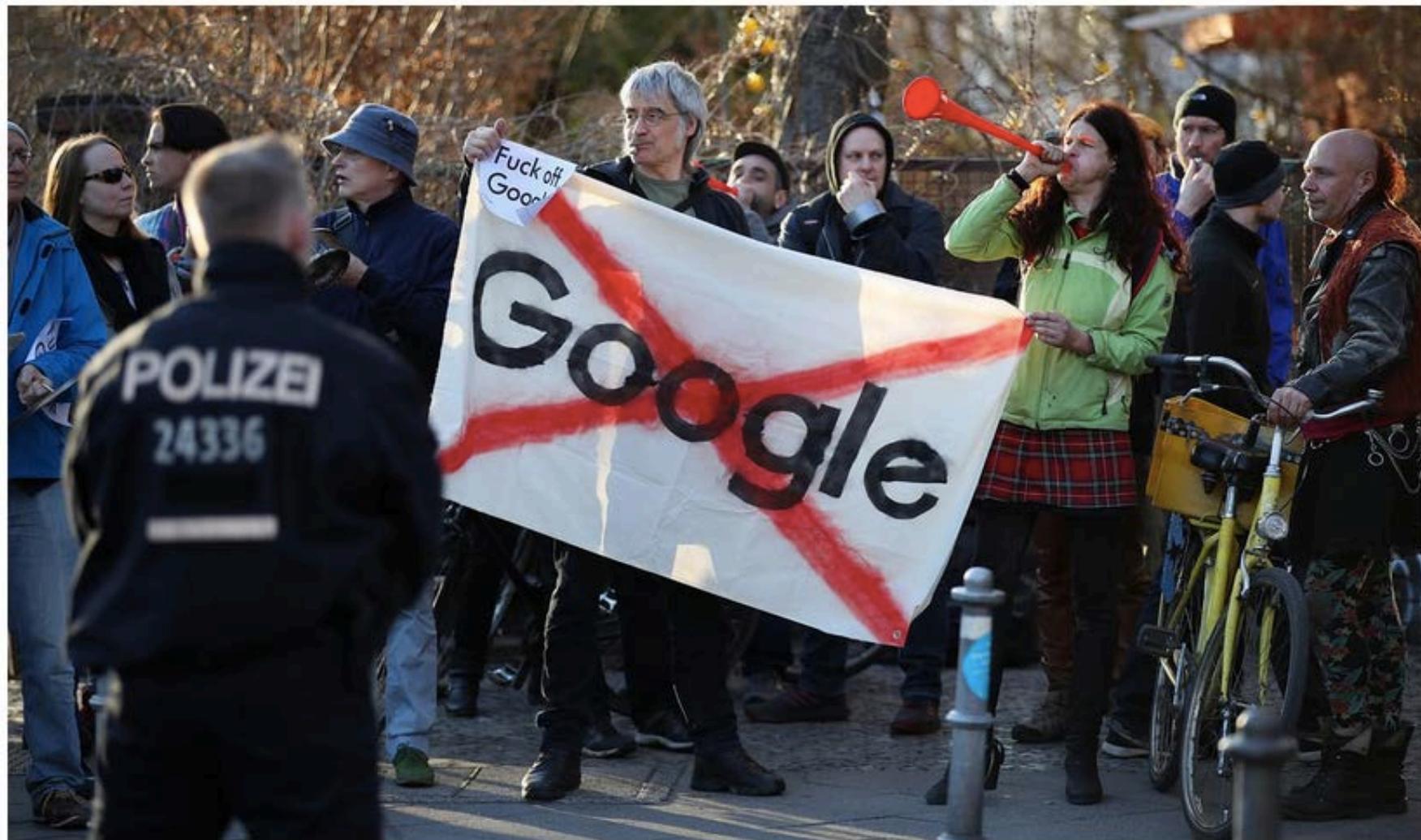
PROTEJA SEUS DADOS NO FACEBOOK

Paciência tem limite. O Brasil discute uma lei de dados pessoais desde 2010. Já são oito anos de desproteção e abusos. É hora de reagir e exigir direitos coletivos para proteção de dados pessoais e regulação forte para quem trata essas informações. É hora de aprovar, de vez, uma Lei de Proteção de Dados Pessoais pensada para o cidadão. Conheça a plataforma "chega de desproteção!" da campanha "Seus Dados São Você".

POR QUE ISSO IMPORTA?

Quantos aplicativos você tem no celular? Quantas vezes **você já registrou seu CPF em farmácias ao comprar um medicamento**? Quantos websites já instalaram "cookies" no seu computador para monitorar o que você faz online? O que fazem com a informação que coletam sobre você? Os nossos "rastros digitais" estão em toda parte, dentro e fora da internet. Conheça casos onde ficamos desprotegidos pela ausência de uma legislação de dados pessoais.

'Google go home': the Berlin neighbourhood fighting off a tech giant



**DON'T LET BIG
BUSINESSES STRIP
YOU OF YOUR PRIVACY
RIGHTS!**

NAKEDCITIZENS.EU

TAKE CONTROL OF YOUR DATA

Read more.

Image1. An example of a joint public campaign to raise awareness of the extent of industry lobbying

Internet privacy

+ Add to myFT

Facebook privacy activist launches NGO to fund data lawsuits

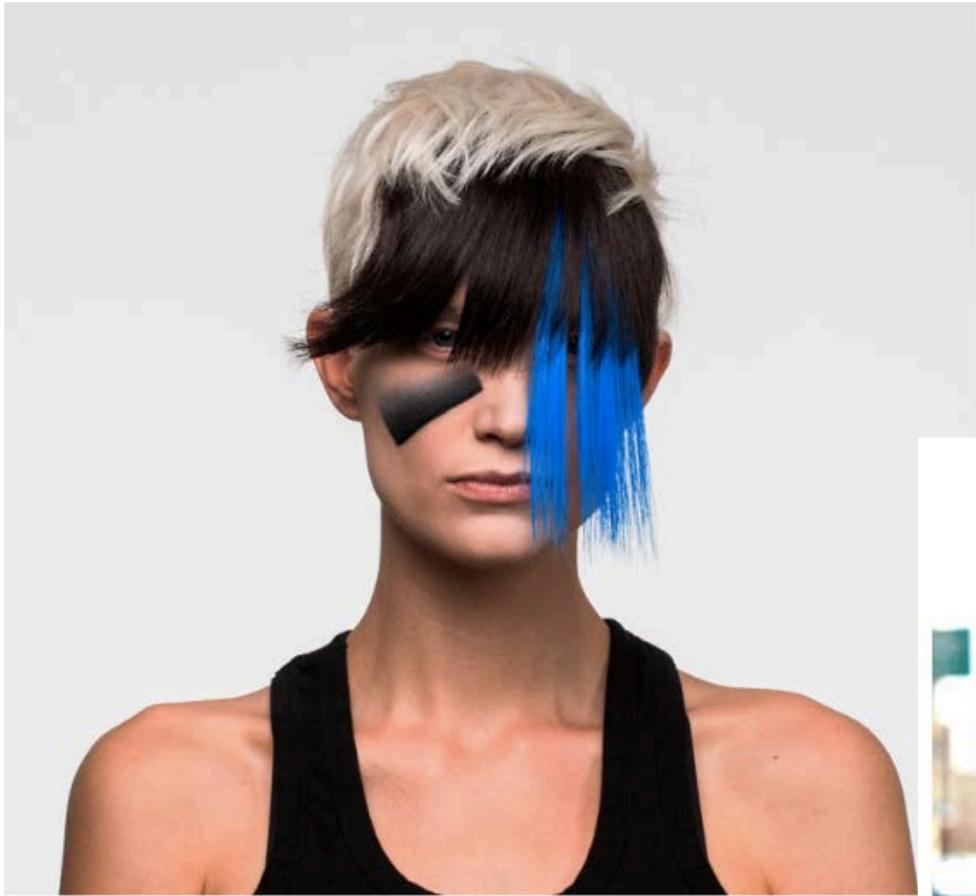
Max Schrems seeking to provide support for consumers as EU prepares for GDPR



Max Schrems first filed complaints against Facebook when he was a student in 2011 © AP

/estudar as resistências

- literatura sobre “capitalismo de plataforma” já possui boa base analítica de economia política porém há pouco enfoque em como movimentos sociais podem contestar e disputar as formações institucionais desses mercados
- uma moldura teórica foucaultiana ou polanyiana precisa levar a sério as estratégias de resistência e de contestação desses mercados
- aproximação com movimentos artísticos, designers e nova estética urbana



Fonte: Monahan (2015)

Referências

- BENKLER, Yochai et al. Social mobilization and the networked public sphere: Mapping the SOPA-PIPA debate. *Political Communication*, v. 32, n. 4, p. 594-624, 2015.
- COHEN, Julie E. The biopolitical public domain: the legal construction of the surveillance economy. *Philosophy & Technology*, p. 1-21, 2017.
- MONAHAN, Torin. The right to hide? Anti-surveillance camouflage and the aestheticization of resistance. *Communication and Critical/Cultural Studies*, v. 12, n. 2, p. 159-178, 2015.
- PASQUALE, Frank. Two narratives of platform capitalism. *Yale Law & Policy Review*, v. 35, p. 309, 2016.
- RAVETZ, Jerome; FUNTOWICZ, Silvio. Post-normal science. In: *Ethics of science in the research for sustainable development*. Nomos Verlagsgesellschaft mbH & Co. KG, 2015. p. 99-112.
- SRNICEK, Nick. *Platform capitalism*. John Wiley & Sons, 2017.
- ZUBOFF, Shoshana. Big other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization. *Journal of Information Technology*, v. 30, n. 1, p. 75-89, 2015.

rafaelzanatta@usp.br

@rafa_zanatta



BY



NC



SA

Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual
CC BY-NC-SA

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuem a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.